

SAÚDE

OMS enfrenta os desafios da saúde global na 75ª Assembleia Mundial da Saúde

Eleição do diretor-geral, reforma da entidade e mudanças no RSI são alguns dos temas a serem tratados

Fernando Aith

20/05/2022 | 05:00





Sede da OMS em Genebra, na Suíça. Crédito: Wikimedia Commons

A 75ª Assembleia Mundial da Saúde terá início no próximo dia 22 e deve terminar no dia 28 de maio. Será a primeira Assembleia Mundial de Saúde presencial desde o início da **pandemia da Covid-19**, e os desafios a serem debatidos são enormes. Na pauta, as necessárias mudanças da governança global para a promoção e prevenção da saúde no mundo, a começar pelo futuro da própria Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Regulamento Sanitário Internacional (RSI).

Durante a 75ª Assembleia Mundial da Saúde, serão realizadas mesas redondas estratégicas para aprofundar os debates acerca dos principais temas que emergiram durante a pandemia da Covid-19 sobre como evitar novas pandemias e reforçar as respostas nacionais e globais nos casos de novas emergências internacionais de saúde pública.

Durante a Assembleia Mundial da Saúde, delegados dos Estados-membros, agências parceiras, representantes da sociedade civil e especialistas da OMS discutirão as prioridades atuais e futuras para questões de saúde pública de importância global. Os temas a serem debatidos, apresentados durante o discurso de abertura do diretor-geral na 150ª Sessão do Conselho Executivo da OMS, são os seguintes:

1. Mudança urgente de paradigma para prevenir doenças e promover a saúde: Economia da Saúde para Todos;
2. Reorientação radical dos sistemas de saúde para a atenção primária à saúde como base da cobertura universal de saúde: a melhor e única escolha para alcançar a cobertura universal de saúde;
3. Rumo a uma nova arquitetura para preparação, resposta e resiliência a emergências de saúde: 10 propostas para um mundo mais seguro;
4. Ciências do comportamento para uma saúde melhor;
5. Um retorno saudável: investir em uma OMS financiada de forma sustentável.

A agenda provisória do encontro divulgada pela OMS apresenta os quatro grandes pilares que irão guiar as ações desta agência especializada da Organização das Nações Unidas nos próximos anos.

O primeiro pilar, intitulado “Um bilhão de pessoas a mais se beneficiando da cobertura universal de saúde”, irá abordar temas como a prevenção e controle das doenças não transmissíveis; a implementação de uma estratégia global para a Aids, hepatite viral e doenças sexualmente transmissíveis; a

pesquisa e inovação para o tratamento da tuberculose; o plano de ação para o enfrentamento das doenças tropicais negligenciadas e, ainda, os desafios postos para os recursos humanos em saúde.

O segundo pilar foi chamado de “Um bilhão de pessoas melhor protegidas contra emergências de saúde pública” e tratará da preparação e resposta global às emergências de saúde pública e das ações de combate à influenza e à poliomielite, que estão recrudescendo no mundo novamente. Este pilar tratará também da saúde global como componente da paz mundial.

O terceiro pilar da Assembleia Mundial da Saúde deste ano foi denominado “Mais um bilhão de pessoas desfrutando de melhor saúde e bem-estar” e tratará sobretudo da nutrição materna da primeira infância e da segurança alimentar.

Por fim, o quarto pilar que irá guiar as atividades da 75ª Assembleia Mundial da Saúde será uma espécie de autoavaliação da OMS: “OMS mais eficaz e eficiente, fornecendo melhor apoio aos países”. Este pilar é uma clara tentativa de resposta da agência às críticas que vem recebendo desde o enfrentamento da epidemia do ebola na África Ocidental, entre 2013 e 2016, críticas estas que foram acentuadas de forma dramática com a resposta da OMS à pandemia da Covid-19.

Para conseguir superar suas fragilidades e avançar no sentido de cumprir plenamente a sua missão institucional, estipulada em sua Constituição de 1946, a OMS terá que enfrentar o que Gostin, Sridhar e Hougendobler (“A autoridade normativa da


OMS”, University of Georgetown, 2015) classificaram como as tensões fundamentais que vêm dificultando o trabalho e a legitimidade da OMS no enfrentamento dos desafios da saúde global, a saber:

1. **OMS: um servo dos Estados-membros.** Os Estados-membros exigem fidelidade às suas exigências que muitas vezes estão em conflito com os interesses da saúde global. Eles elegem o diretor-geral (o atual diretor-geral, Tedros Adhanom, deverá ser reeleito nesta assembleia), traçam o plano de trabalho, aprovam o orçamento e orientam a direção-geral. Um controle tão rígido pode inibir o diretor-geral e seus assessores de agirem como líderes morais e técnicos para saúde mundial e advogarem amplamente em nome dos mais desfavorecidos;
2. **Escassez de recursos.** Os recursos da OMS são totalmente incompatíveis com o escopo e a escala das necessidades globais de saúde. O orçamento da agência é tímido em comparação com os orçamentos nacionais de saúde, apesar de suas vastas responsabilidades mundiais;
3. **Financiamento direcionado.** O fluxo de fundos não é apenas inadequado, mas também muito restrito. A agência deve ter maior autoridade para direcionar seus recursos para as reais necessidades definidas tecnicamente pela OMS;
4. **Governança global da saúde frágil.** A OMS carece de instituições e estruturas de gestão financeira, transparência, definição de prioridades e prestação de contas. A organização também precisa aproveitar a criatividade de atores não estatais, capacitá-los a

participar plenamente na tomada de decisões, ao mesmo tempo em que deve ser capaz de gerenciar harmonicamente os conflitos de interesse dos atores envolvidos;

5. **Regionalização excessiva.** Políticas e programas globais enfrentam dificuldades de implementação pela OMS devido à sua estrutura descentralizada. As agências regionais, como a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), não são somente ramificações da OMS, mas têm ampla autonomia. A autonomia das agências regionais pode dificultar a legitimidade da OMS como uma única voz da ONU a exercer a liderança global no campo da saúde.

É fundamental estarmos atentos às discussões e deliberações da 75ª Assembleia Mundial da Saúde neste momento em que a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional decretada pela OMS ainda está vigente, em que a pandemia da Covid-19 ainda mata pessoas ao redor do mundo, em que a OMS tem a sua autoridade questionada por muitos países, em que o Brasil amarga a triste marca de mais de 665 mil mortos e mais de 30 milhões de infectados pelo coronavírus.

Uma nova OMS e um novo Regulamento Sanitário Internacional serão gestados a partir dos rumos que os debates tomarem. Espera-se, para o bem da humanidade, que os ventos que soprarão em Genebra na próxima semana sejam favoráveis à saúde global. 



FERNANDO AITH

Professor titular da Faculdade de Saúde Pública da Universidade



de São Paulo (USP). Professor visitante da Faculdade de Direito da Universidade de Paris. Diretor do Centro de Pesquisas em Direito Sanitário da USP

TAGS

COVID-19

JOTA PRO SAUDE

OMS

COMPARTILHAR



JOTA

Nossa missão é tornar as instituições brasileiras mais previsíveis.

**CONHEÇA O
JOTA PRO**

**PODER
PRO**

Apostas da
Semana

Impacto
nas
Instituições

Risco
Político

Alertas

**TRIBUTOS
PRO**

Apostas
da
Semana

Direto da
Corte

Direto do
Legislativo

Matinal

Relatórios
Especiais

EDITORIAS

Executivo

Legislativo

STF

Justiça

Saúde

Opinião e
Análise

Coberturas
Especiais

Eleições
2024

FAQ

| Contato

| Trabalhe
Conosco

**SIGA O
JOTA**